

18 JAN 1984

Para os economistas, *Economia Brasil* um 84 cheio de incertezas.

A inflação, no plano interno, e a posição relativa desfavorável do Brasil, no plano externo, são os principais problemas brasileiros da atualidade, segundo os economistas da FGV José Júlio Senna e Antônio Carlos Lemgruber, que relacionaram o conjunto de dificuldades brasileiras à credibilidade da política econômica e às expectativas dos agentes econômicos. Daí as perspectivas para 1984 serem bastante incertas, na opinião de ambos, que falaram em reunião promovida em São Paulo pelo Banco Boavista, com sede no Rio, do qual ambos são diretores.

Lemgruber mostrou que a situação brasileira é mais difícil em relação aos demais países latino-americanos, inclusive México, Argentina, Venezuela e Peru. É que o País, na melhor das hipóteses, terá um déficit em contas correntes de US\$ 7 bilhões, quase o dobro dos US\$ 4 bilhões que representam a soma dos déficits previstos para 1984 por todos os demais países da América Latina. Além disso, o Brasil precisará rolar mais US\$ 8 bilhões do principal da dívida externa e outros US\$ 15 bilhões referentes a créditos para o comércio exterior (exportações e importações) e linhas de curto prazo dos bancos brasileiro no Exterior. Isto resulta US\$ 23 bilhões, que, somados aos US\$ 7 bilhões de déficit em contas correntes, indicam que serão necessários US\$ 30 bilhões para o financiamento do balanço de pagamentos em 1984. Esse déficit, segundo o diretor do Boavista, resulta do déficit de serviços (só de juros serão US\$ 11 a US\$ 12 bilhões mais US\$ 4 a US\$ 5 bilhões de outros itens, como transportes, dividendos, etc.) menos o superávit comercial de US\$ 9 bilhões.

De qualquer forma, mesmo os US\$ 7 bilhões de recursos novos de que o Brasil precisa não estão ainda garantidos, porque US\$ 3,5 bilhões deverão vir dos bancos, mas faltam US\$ 1,5 bilhão do FMI e outros US\$ 2 bilhões não perfeitamente definidos, podendo vir de investimentos externos, Banco Mundial, Eximbank, entre outras fontes.

Lemgruber previu que a próxima fase de renegociação da dívida externa poderá ser melhor, com mecanismos automáticos de refinanciamento de juros, o que dependerá de menor temor externo com regras contábeis e a superação das dificuldades políticas internas. Das outras alternativas, o economista rejeitou a moratória unilateral, consi-

derou muito difícil o retorno ao mecanismo voluntário de os bancos voltarem a emprestar normalmente e considerou precário o modelo de jumbos (grandes empréstimos) perilódicos, como em 83 e em 84.

A obtenção do superávit comercial de US\$ 9 bilhões dependerá da superação dos dilemas internos de política econômica e das expectativas quanto à taxa cambial, uma vez que o crescimento econômico mundial será um fator positivo.

O economista foi contrário a uma nova máxi, mas teme pelo fato de que já existem expectativas fortes a respeito de mudança cambial. Considerou que uma máxi não é inevitável e que afetaria a credibilidade do governo, mas admitiu que para ela concorrer o aumento da inflação em janeiro, os resultados da balança comercial, bem como o comportamento do dólar em relação às outras moedas conversíveis.

Inflação

José Júlio Senna bradou contra a proliferação de teorias falsas para explicar a recessão, tais como a de que há austeridade fiscal, que o FMI é o responsável pela ortodoxia e que há queda da liquidez real, porque a moeda primária tem-se expandido menos do que a inflação. "Só o discurso é de austeridade" — afirmou Senna, referindo-se à expansão de 100% na base monetária, contra 55% em 1981.

A verdadeira origem da recessão, segundo o diretor do Boavista, é a inflação, "porque a sociedade perdeu a noção dos preços relativos. Não sabemos o que é caro ou barato. Em 83 a inflação superou a expectativa até dos pessimistas".

Senna recordou o exemplo dos Estados Unidos, onde após dois anos de austeridade chegou-se a uma inflação de 3% ao ano e voltou-se a investir. Para o Brasil, "é impraticável planejar investimentos com esse nível de inflação".

Além disso, o professor de Macroeconomia da Escola de Pós-Graduação em Economia da FGV protestou contra as regras instáveis na economia, tais como as relativas à taxa cambial, à correção monetária e aos salários. Criticou ainda a taxaçaõ sobre as aplicações, indagando: "Como gerar poupança com taxaçaõ severa sobre as aplicações?".